

# GÊNEROS MULTIMODAIS EM SALA DE AULA: O TRABALHO COM QUADRINHOS EM TURMAS DO ENSINO MÉDIO



Revista  
**Desafios**

Artigo Original  
Original Article  
Artículo Original

*Multimodal genres in the classroom: working with comics in high school classes*

*Géneros multimodales en clase: el trabajo con cómics en la escuela secundaria*

Valfrido da Silva Nunes\*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutor em Linguística. Professor e pesquisador do Instituto Federal de Pernambuco, *Campus Garanhuns*, Garanhuns, Brasil. Líder do Grupo de Estudos em Linguagens (IFPE/CNPq).

\*Correspondência: Instituto Federal de Pernambuco, Rua Pe. Agobar Valença, s/n, Severiano Maraes Filho, Garanhuns, PE. CEP: 55299-390. E-mail [fridoval@hotmail.com](mailto:fridoval@hotmail.com).

Artigo recebido em 19/06/2018 aprovado em 24/04/2019 publicado em 13/06/2019.

## RESUMO

Ancorado principalmente nos estudos sobre gêneros (MARCUSCHI, 2010; 2011) e multimodalidade (DIONISO, 2011), este artigo tem como objetivo central discutir gêneros multimodais em sala de aula de língua portuguesa do ensino médio, numa escola pública da rede estadual de ensino de Pernambuco, em 2009. Para tanto, realizou-se uma pesquisa em turmas de 3º ano do ensino médio, cujo foco foi investigar em que medida os estudantes conseguiram identificar gêneros multimodais (história em quadrinhos, caricatura, cartum, charge e tira humorística), bem como os propósitos comunicativos a eles associados. Os achados revelaram o pouco conhecimento dos gêneros multimodais supramencionados, por parte dos estudantes do ensino médio, o que não deveria acontecer, visto que estão na etapa final da educação básica.

**Palavras-chave:** gênero; multimodalidade; ensino de língua portuguesa.

## ABSTRACT

Anchored mainly in the studies on genres (MARCUSCHI, 2010; 2011) and multimodality (DIONISO, 2011), this article has the main objective to discuss multimodal genres in Portuguese language classroom of high school, in a public school of the state network of education of Pernambuco, Brazil, in 2009. For that, a research was carried out in 3rd year high school classes, whose focus was to investigate the extent to which students were able to identify multimodal genres (graphic novel, cartoon, political cartoon, comic strip, caricature), as well as the communicative purposes associated with them. The findings revealed the lack of knowledge of the multimodal genres mentioned above by high school students, which should not happen since they are in the final stage of basic education.

**Keywords:** genre; multimodality; Portuguese language teaching.

## RESUMEN

Basado principalmente en estudios de géneros (MARCUSCHI, 2010; 2011) y la multimodalidad (DIONISIO, 2011), este artículo está dirigido principalmente para discutir los géneros multimodales en clases de portugués en una escuela secundaria de educación pública del Estado de Pernambuco, Brasil, en el año 2009. Para ello, se realizó una encuesta en grupos de 3º año de la enseñanza media, cuyo foco fue investigar en qué medida los estudiantes conseguían identificar géneros multimodales (historietas, caricatura, cartón y tira humorística), así como los propósitos comunicativos a ellos asociados. Los hallazgos revelaron el poco conocimiento de los géneros multimodales antes mencionados, por parte de los estudiantes de la enseñanza media, lo que no debería suceder, ya que están en la etapa final de la escuela secundaria.

**Descriptores:** género; multimodalidad; enseñanza del portugués.

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, convém afirmar que os sujeitos sociais, em pleno século XXI, vivem imersos numa cultura marcadamente visual, haja vista a televisão, o cinema, o *outdoor*, os *videogames*, o computador, o celular, dentre outros inúmeros recursos disponíveis. As redes sociais digitais (*Whatsapp*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* etc.), potencializadas por meio do uso da internet, são uma realidade que se impõe, quebrando fronteiras geográficas, socioeconômicas e possibilitando até mesmo o acesso de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização. É esse mundo extremamente plástico, dinâmico, plural e heterogêneo que reclama do ser humano uma habilidade visual e uma agilidade muito grandes, a fim de que possa realizar suas interações discursivas, por meio de gêneros, de forma eficaz, e consolidar o seu estar no mundo (NUNES, 2017a).

Assim, considerando que “os gêneros estão presentes (...) em todas as circunstâncias da vida, em que as ações humanas são mediadas pela atividade discursiva” (SILVEIRA, 2005, p. 37), há de se convir que a escola não pode se esquivar do seu papel de formar sujeitos críticos para uma efetiva participação social. Nesse sentido, já não é suficiente ocupar-se somente dos gêneros escritos, pois muito do que se produz discursivamente conjuga imagens, palavras, sons, movimentos, cores, formas e assim por diante. A par dessas discussões, o presente artigo discute cinco dos chamados gêneros icônico-verbais: a história em quadrinhos (doravante denominada HQ), a charge, o cartum, a caricatura e a tira humorística, em situações de ensino, em uma escola da rede pública estadual de Pernambuco, em 2009; noutras palavras, tais gêneros são considerados multimodais, pois neles coexistem mais de uma modalidade de linguagem (DIONISIO, 2011).

Do ponto de vista teórico-metodológico, este artigo ancora-se nos estudos sobre gêneros (MARCUSCHI, 2010; 2011) e multimodalidade (DIONISIO, 2011), e configura-se como resultado de uma experiência vivenciada em uma escola da rede pública estadual de Pernambuco, a fim de que os dados fossem coletados. Assim, realizou-se uma pesquisa em duas turmas de 3º ano do ensino médio, totalizando 40 (quarenta) sujeitos, por meio de um questionário estruturado, cujo foco foi investigar em que medida os estudantes conseguiam identificar e diferenciar gêneros multimodais (HQ, cartum, caricatura, charge e tira humorística), bem como as suas finalidades subjacentes. Situados na instância discursiva do entretenimento, entrecruzando-se com a jornalística, esses gêneros multimodais muitas vezes se assemelham, de modo que as fronteiras entre eles tornam-se bastante tênues.

Assim sendo, esclarecemos que o presente artigo organiza-se retoricamente da seguinte forma: (i) uma discussão teórica sobre gênero e multimodalidade; (ii) algumas considerações acerca das fronteiras intergenéricas entre a HQ, a charge, o cartum, a caricatura e a tira humorística; e a (iii) apresentação dos dados relativos à experiência de pesquisa com gêneros multimodais no ensino médio, com suas respectivas análises.

## GÊNERO E MULTIMODALIDADE

A visão de gênero adotada neste trabalho é tributária de uma concepção sociointeracional da língua, em que ela é tomada em seus usos sociais, para além da estrutura formal (NUNES, 2017b). Assim sendo, os gêneros “são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social (...). São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). De fato, os gêneros são

padrões discursivos intrinsecamente ligados ao agir social, pois a linguagem não é usada de maneira fortuita, mas sempre inter-relacionada às práticas humanas na vida em sociedade.

Entretanto, a noção de gênero como padrão discursivo não quer dizer que os gêneros são entidades estanques e enrijecidas. Ao contrário, eles são maleáveis, dinâmicos e heterogêneos, assim como dinâmica e heterogênea é a vida (NUNES; SILVEIRA, 2015). Aliás, os gêneros são fundamentais para coordenar e organizar a vida em sociedade, pois se cada vez que precisássemos enunciar algo tivéssemos que inventar um gênero novo, a comunicação humana se tornaria caótica; daí dizermos que os gêneros estão imbricados às rotinas humanas, configurando-se como modos de dizer que não se desconectam dos modos de fazer. Em suma, concordamos com a ideia de que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto” (MARCUSCHI, 2010, p. 22, grifos no original).

Neste trabalho, os gêneros colocados em discussão – HQ, caricatura, cartum, charge e tira humorística – exemplificam contundentemente o modo versátil que os construtos genéricos assumem diante das práticas sociais, principalmente nas instâncias jornalística e do entretenimento, reduto principal de circulação dos gêneros em tela, servindo a diferentes propósitos comunicativos. Nesse sentido, corroboramos a ideia de que o propósito comunicativo de um gênero “equivale às finalidades para as quais os textos de um mesmo gênero são mais recorrentemente utilizados em situações também recorrentes” (ALVES FILHO, 2011, p. 34).

De qualquer forma, não se pode esquecer de que os gêneros “são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e

produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro” (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

A propósito, convém destacar que uma das particularidades dos gêneros discutidos neste trabalho é a sua natureza multimodal, ou seja, a coexistência de mais de uma modalidade de linguagem. Com efeito, podemos afirmar que a multimodalidade é constitutiva da própria linguagem, pois,

se as ações sociais são fenômenos multimodais, consequentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONISIO, 2011, p. 139).

Seguindo a visão da autora, concordamos também com a ideia de que se pode falar em um contínuo informativo visual dos gêneros escritos, indo dos menos visualmente informativos aos mais visualmente informativos (DIONISIO, 2011, p. 142). A título de ilustração, se compararmos anúncios publicitários antigos com propagandas atuais, veremos que, ao longo da história, esses gêneros se tornaram visualmente mais informativos, devido às possibilidades de inovação, potencializadas pela tecnologia. Mesmo nos dias atuais, não é difícil notar que os gêneros acadêmicos são bem menos visualmente informativos que os gêneros publicitários.

Interessante notar que a multimodalidade é constitutiva da própria linguagem. Em se tratando da oralidade, por exemplo, não há com cindir o verbal do não verbal, visto que, quando falamos, gesticulamos, oscilamos o nosso tom de voz, pausamos, hesitamos, nos movimentamos, construímos expressões fisionômicas e assim por diante. Desse modo, estamos

sustentando que os gêneros elencados para a nossa pesquisa têm alto teor imagético, pois em alguns casos – como a caricatura – a palavra é até mesmo dispensável.

## **GÊNEROS MULTIMODAIS: FRONTEIRAS INTERGENÉRICAS**

Nesta seção, fazemos algumas considerações acerca das fronteiras intergenéricas entre a caricatura, a charge, o cartum, a tira humorística e a HQ; entretanto, estamos consciente de que “distinguir esses gêneros é difícil, mesmo para os profissionais da área” (MENDONÇA, 2002, p. 197). Nesse sentido, a proposta é tomar os gêneros acima referidos dentro de uma “colônia” de gêneros icônico-verbais (BHATIA, 2004), uma vez que eles são muito parecidos e sugerem pertencer a uma mesma família genérica. Todavia, embora apresentem traços semelhantes – quadros, desenhos, humor etc. –, tais gêneros se diferenciam centralmente nos seus propósitos comunicativos (SWALES, 1990). Para situarmos os gêneros em estudo neste trabalho, estabelecemos uma interface entre conceitos advindos de autores proveniente da Linguística e da área de Comunicação. De forma breve, discutiremos a caricatura, a charge, o cartum, a tira humorística e a HQ, respectivamente, de modo a estabelecermos os contornos entre suas fronteiras.

A bem dizer, a *caricatura* é considerada o gênero mais antigo da “colônia” supramencionada; originária do italiano “*caricare*” (carregar, acentuar, sublinhar), podemos afirmar que seu principal traço é a deformação (MELO, 2003, p. 165). Consiste em exagerar os aspectos marcantes de algo ou alguém, podendo, inclusive, ser usada para a ilustração de uma matéria jornalística, pois não é raro vermos na mídia caricaturas de personalidades famosas. No âmbito do

jornalismo, a caricatura funciona como um instrumento de opinião, daí a sua natureza essencialmente argumentativa. Conceitualmente, pode-se dizer que a caricatura é um “retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos”, cujo propósito comunicativo é “suscitar risos, ironia” (MELO, 2003, p. 167). A caricatura pode circular tanto de forma isolada – na página do jornal, por exemplo – quanto dentro do cartum ou da charge, como elemento constitutivo destes. Segundo esse mesmo autor, a caricatura é um gênero bastante temporal, já que se nutre dos acontecimentos diários veiculados pela mídia.

A *charge*, por sua vez, origina-se do francês *charger* (carregar, exagerar, atacar) e é considerada um gênero transgressor por excelência. A esse respeito, afirma-se que ela é uma “crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista” (MELO, 2003, p. 167). Nesse sentido, aponta-se uma diferença significativa entre a *caricatura* e a *charge*, pois, enquanto a primeira exagera principalmente características de pessoas, a segunda centra-se em fatos. Convergentemente, “trata-se de uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado pela imprensa, que tem por finalidade satirizar e criticar algum acontecimento do momento” (COSTA, 2009, p. 60). Considerando o seu teor predominantemente argumentativo, há de se convir que a charge “focaliza, por meio de caricatura gráfica, com bastante humor, uma ou mais personagens envolvidas no fato político-social que lhe serve de tema” (COSTA, 2009, p. 60). Dado o exposto, cumpre ressaltar que a charge tem como singularidades a sua natureza temporal, a necessidade de emergir de um fato e uma inclinação para questões sócio-político-econômicas; por essas

razões, a charge “envelhece”, assim como a notícia e a reportagem, gêneros de quem se alimenta, já que é contextualmente situada.

Enquanto a charge tem alto teor de “percebibilidade”, o *cartum*, embora a princípio confundível com ela, configura-se como um gênero multimodal que se presta a outros propósitos. Na literatura jornalística, o cartum é definido como uma “anedota gráfica” ou como uma “crítica mordaz” (MELO, 2003, p. 167). Originado do inglês *cartoon*, que significa “esboço ou modelo desenhado em cartão”, o cartum “geralmente não insere personagens reais ou fatos verídicos, mas representa uma expressão criativa do caricaturista, que penetra no domínio da fantasia” (MELO, 2003, p. 167). Em outra perspectiva teórica, visto que é estudioso da Linguística, Costa (2009, p. 57-58) apresenta algumas definições que lançam luzes para que possamos compreender esse gênero: “desenho humorístico ou satírico”, de “caráter extremamente crítico”; “[retrato de] algo que envolve o dia a dia de uma sociedade” e “anedota gráfica (...) que satiriza comportamentos humanos”. Por fim, há de se considerar que o caráter circunstancial da charge não é típico do cartum, uma vez que este está mais para uma crítica de costumes, pois é mais genérico, tratando de temas universais ou representações estereotipadas da sociedade, de forma atemporal. Em síntese, notam-se semelhanças entre os dois gêneros – charge e cartum – ; todavia, “os objetivos nem sempre coincidem, sendo notadamente a crítica o objetivo da charge, enquanto o principal objetivo do cartum é fazer rir” (ARAGÃO, 2008, p. 2986).

Segundo Costa (2003, p. 191-192), a *tira humorística* pode ser entendida como um “segmento ou fragmento de HQs”; “texto sincrético que alia o verbal e o visual”; “[texto] com três ou quatro quadros” e que “circula (...) numa só faixa horizontal”. Para Mendonça

(2002, p. 198), as tiras humorísticas também podem ser consideradas um subtipo de HQ, porém mais curtas (até quatro quadros); têm caráter sintético, podendo ser sequenciais – “capítulos” de narrativas maiores – ou fechadas – um episódio por dia. Apesar de também satirizarem aspectos econômicos e políticos do país, elas não são tão “datadas” como a charge. Esta mesma autora classifica as tiras fechadas em dois subtipos: tiras-piada (em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação) e tiras-episódio (nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens).

Quanto à *HQ* propriamente dita, parte-se do princípio de que, visualmente, ela é facilmente identificável, dada a sua estrutura composicional: quadros, desenhos, balões, onomatopeias, legendas e outros recursos gráficos. Não é sem propósito que as histórias em quadrinhos são uma forma de comunicação global, sob as mais variadas denominações, conforme observou Calazans (2004, p. 9): *strip comics* (tira de humor), nos Estados Unidos; *bande dessinée* (banda, tira desenhada), na França e na Bélgica; *banda desenhada* ou *história aos quadrinhos*, em Portugal; *TBO* (nome de uma revista famosa), na Espanha; *historieta* ou *comics*, na América espanhola; *fumetti* (fumacinha, o balão das falas), na Itália; *mangá*, no Japão; *Gibi*, no Brasil.

Consoante Mendonça (2002, p. 195), “as HQs revelam-se um gênero tão complexo quanto os outros no que tange ao seu funcionamento discursivo”. No que concerne ao tipo textual, predominam nas HQs as sequências narrativas, porém nada impede que lá apareçam outras, tais como a argumentação e a injunção; quanto aos mecanismos e recursos

tecnológicos usados para narrar na HQ, os quadrinhos têm uma forte relação com o cinema e com os desenhos animados, porquanto se utilizam de recursos descritivos e narrativos semelhantes. No entanto, há de se convir que, nas HQs, há uma seleção de quadros a serem sequenciados, o que demanda um trabalho cognitivo maior por parte do leitor, a fim de preencher as lacunas do não dito e do não visto para a efetivação da coerência global do texto. Calazans (2004, p. 18) afirma que, “no roteiro de uma HQ, cada quadrinho atua como se fosse uma frase, cada sequência como um parágrafo e cada página como um capítulo, que, se for finalizada com suspense, faz com que o leitor queira continuar a leitura”.

Considerando a relação fala e escrita, as HQs realizam-se no meio escrito, porém são uma tentativa de reproduzir a fala, mais especificamente a conversa informal, se bem que sua concepção é de base escrita, pois os chamados “guiões” – narrativas verbais que orientam o trabalho do desenhista – precedem a quadrinização, assemelhando-se aos roteiros de cinema. No tocante à instância discursiva, podemos afirmar que as HQs se enquadram na arena jornalística, considerando-se somente o meio de circulação, o que não isenta algumas delas de se enquadrar também no campo literário e do entretenimento, haja vista as adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos.

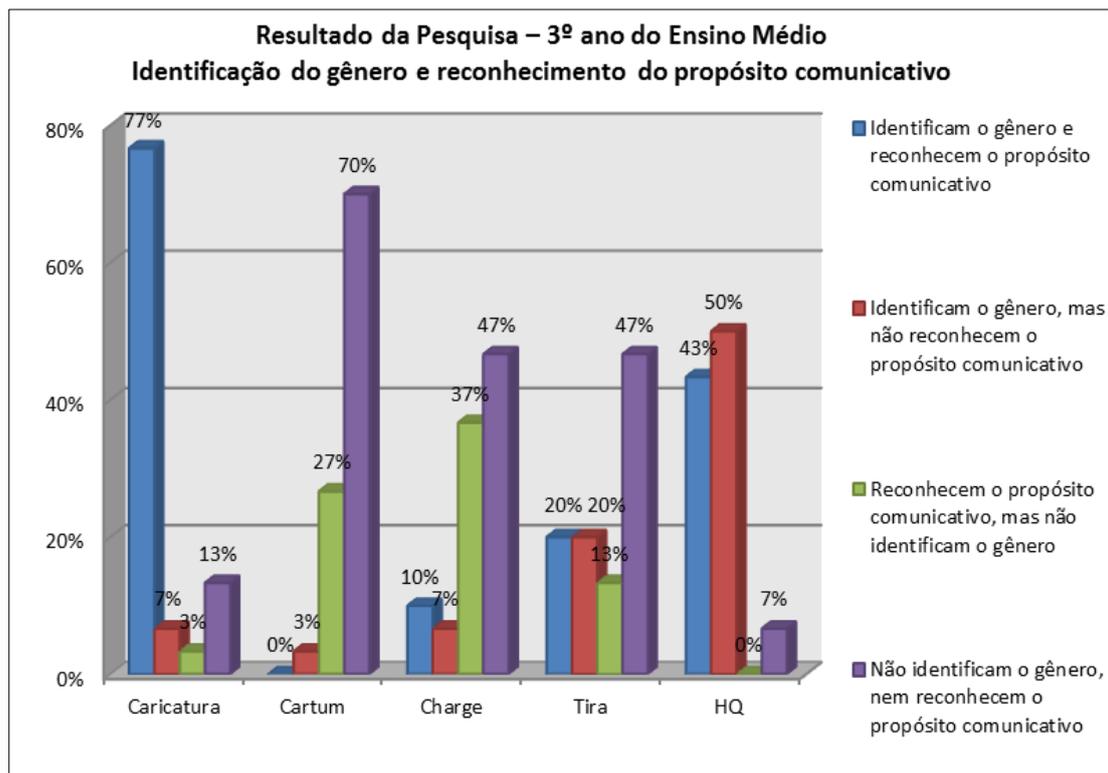
Dado o exposto, sustentamos que os gêneros acima descritos formam uma verdadeira “colônia” de gêneros icônico-verbais, em que os elementos formais dos gêneros apresentam traços bastante semelhantes; contudo, no que diz respeito aos seus propósitos comunicativos, há de se reconhecer a particularidade de cada um deles. Por fim, reiteramos a natureza complexa das fronteiras intergenéricas, uma vez que todos os

gêneros tendem à hibridização. Assim sendo, é necessário atentar para o fato de que os conceitos aventados lançam alguma luz para estabelecermos limites entre cada um deles, porém não devem ser tomados como verdades absolutas nem como definições estanques.

### **GÊNEROS MULTIMODAIS: UMA VIVÊNCIA DE PESQUISA NO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO**

Considerando o perfil esperado para os estudantes que se encontram no terceiro ano do ensino médio, no que diz respeito à habilidade de leitura e compreensão de textos, empreendemos uma pesquisa em sala de aula com o objetivo de verificar em que medida os estudantes concluintes desse nível de ensino eram capazes de identificar fronteiras entre os gêneros icônico-verbais anteriormente discutidos neste artigo. A proposta consistiu em mostrar a 40 (quarenta) alunos, individualmente, cinco imagens que representavam uma caricatura, uma charge, um cartum, uma tira humorística e uma HQ, respectivamente. A tarefa desafiava os alunos a relacionarem os gêneros, em um formulário específico com questões de associação biunívocas, aos seus respectivos nomes e propósitos comunicativos. Salientamos que, para isso, não foi feita qualquer explanação teórica anterior por parte do professor, posto que o objetivo foi justamente sondar o conhecimento prévio dos estudantes acerca desses gêneros. O resultado obtido está sistematizado no gráfico abaixo.

**Figura 1.** Gêneros icônico-verbais e reconhecimento de seus propósitos comunicativos subjacentes



Fonte: Acervo da pesquisa.

Como evidencia o gráfico, a *história em quadrinhos* (HQ) – uma narrativa em quadrinhos, extraída de um gibi – foi um dos gêneros mais reconhecidos pelos estudantes, já que 43% foram capazes de reconhecer o gênero e o seu respectivo propósito comunicativo. Por outro lado, 50% apenas identificaram o gênero, mas não reconheceram a sua finalidade, contra 7% que nem identificaram o gênero nem reconheceram o seu propósito. Assim sendo, conclui-se que 93% dos estudantes identificaram uma HQ, embora nem todos soubessem para que ela servisse. Esse dado comprova que HQs são bem populares no repertório sociocultural desses estudantes. Isso talvez seja possibilitado pela própria educação escolar, especialmente pelo livro didático, pois em geral HQs são trabalhadas ao longo do ensino fundamental, especialmente por sua natureza narrativa. Outro fator que pode ter contribuído é a popularização do gibi, uma vez que, seja no lar, seja na biblioteca da escola, em algum momento da vida estes

alunos podem ter tido a oportunidade de ler gibis. Como as HQs têm como personagens super-heróis ou personagens dos desenhos animados televisivos, não se torna tão difícil reconhecer um gênero como este.

Depreende-se, também, a partir de leitura do gráfico, que a *caricatura* foi um dos gêneros mais reconhecidos pelos aprendizes, já que 77% identificaram o gênero e seu respectivo propósito comunicativo, contra 7% que apenas identificaram o gênero, mas não sabiam sua finalidade. Os demais dados revelam que 3% reconheceram o propósito comunicativo da caricatura – exagerar traços de uma personalidade, visando ao cômico e à crítica –, mas não sabiam nomear esse gênero; por fim, 13% não identificaram o gênero nem seu propósito comunicativo. Esses dados são reveladores da relativa popularidade da caricatura, seja na instância jornalística, seja do entretenimento. No caso em tela, o reconhecimento do gênero pode ter sido facilitado, de algum modo, pela pessoa caricaturada: o jogador

Ronaldinho Gaúcho, visto que 84% identificaram a caricatura, embora nem todos reconhecessem seu propósito.

A *tira humorística*, por sua vez, mostrou-se um gênero conhecido de pouco menos da metade dos sujeitos da pesquisa. Conforme mostra o gráfico acima, 20% identificaram o gênero e reconheceram o seu propósito comunicativo, juntamente com 20% que reconheceram o gênero, mas não identificaram o propósito comunicativo. Em outras palavras, 40% identificaram uma tira humorística, embora nem todos reconhecessem o seu propósito básico: divertir ou criticar. Em outra frente, 13% disseram saber para que serve o gênero, mas não o reconheceram como sendo uma tirinha. Chama atenção, porém, o fato de 47% dos estudantes não identificarem a tira nem reconhecerem o seu propósito. Esse dado é, em certo sentido, preocupante, visto que, em muitas avaliações externas à escola – dentre elas o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) –, costuma-se fazer uso recorrente desse gênero em itens de prova; além do mais, tiras humorísticas são gêneros comuns em livros didáticos de língua portuguesa. Infere-se, portanto, que a tirinha mostrou-se um gênero razoavelmente conhecido do público investigado, porém abaixo do que se poderia esperar de estudantes concluintes do ensino médio.

Quanto à *charge*, os dados revelam que ela não é um gênero de fácil compreensão, dado que apenas 17% identificaram o gênero, dos quais, 10% sabiam para que ele servia, contra 7% que não sabiam sua finalidade. Some-se a isso o fato de 37% saberem que a imagem apresentada fazia uma crítica político-socio-econômica – visto que tratava do programa social Bolsa Família do governo federal –, mas não sabiam que se tratava de uma charge. Quase metade dos sujeitos da pesquisa, ou seja, 47% deles, não sabia o que era uma charge e também não reconhecia sua finalidade comunicativa. A situação revelada pelos dados é crítica, pois o que se espera de estudantes

concluintes do ensino médio é que a charge seja um gênero já bem familiar aos estudantes, já que é didatizado com frequência e recorrente em livros didáticos e avaliações externas à escola.

Finalmente, o caso mais incomum é o do *cartum*, já que somente 3% dos estudantes afirmaram saber do que se tratava, muito embora não soubessem para que servisse. Nenhum dos estudantes foi capaz de identificar o cartum e sua respectiva função social. Um pequeno grupo – 27% - respondeu que a imagem mostrada serve, de fato, para fazer uma crítica de costumes, atemporal e universal; entretanto, esse mesmo grupo não sabia que se tratava de um cartum. Uma quantidade significativa de estudantes – 70% – não conseguiu identificar o gênero nem reconhecer o seu propósito. Isso se deve, quiçá, ao fato de cartuns não serem trabalhados com frequência em aulas de diferentes disciplinas. Além disso, suspeita-se que as fronteiras entre a charge e o cartum sejam mesmo bastante tênues, o que geralmente leva estudantes (e professores?) a tomá-los como sinônimos, o que é um equívoco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que foi visto, sublinhamos que a pesquisa mencionada teve como propósito central verificar em que medida estudantes concluintes do ensino médio eram capazes de estabelecer semelhanças e diferenças entre gêneros multimodais pertencentes a uma pretensa “colônia de gêneros icônico-verbais”. Os achados revelaram que a questão não é tão tranquila tanto quanto possa parecer, pois esses gêneros, geralmente associados ao riso e ao divertimento, revestem-se de alto teor de complexidade no que diz respeito ao seu funcionamento discursivo. Uma prova dessa complexidade é o

reconhecimento dos seus propósitos comunicativos, pois os gêneros, enquanto entidades sócio-históricas e discursivas, servem a múltiplas e diversas finalidades no âmbito das instâncias discursivas em que circulam. Evidente que “a questão de dar nomes aos gêneros é algo de enorme complexidade” (MARCUSCHI, 2008, p. 161); entretanto, não pretendemos que a atividade se esgote no mero reconhecimento do gênero, mas que possa abrir portas para que o professor possa pensar em situações que levem à leitura e à compreensão desses gêneros como formas de discurso que despertam a criticidade para uma efetiva participação social dos estudantes.

---

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ARAGÃO, V. P. S. Charge e cartum: uma perspectiva semiolinguística do discurso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2008, Uberlândia. **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2975-3007.

BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse**: a genre-based view. London: Continuum, 2004.

CALAZANS, F. M. A. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

COSTA, S. R. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão/SP: Mantiqueira, 2003.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.

NUNES, V. S. Da imagem à palavra: processo de retextualização em aula de Língua Portuguesa na educação básica. **Desafios**, Palmas/TO, v. 04, n. 04, p. 93-101, 2017a. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/4144>. Acesso em: 08 maio 2019.

NUNES, V. S. Do sistema para o discurso: concepções de língua(gem) em Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin. **Porto das Letras**, Porto Nacional/TO, v. 03, n. 01, p. 8-27, 2017b. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/porto-dasletras/article/view/4370>. Acesso em: 08 maio 2019.

NUNES, V. S.; SILVEIRA, M. I. M. Análise de gênero discursivo na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin: subsídios teóricos e aplicados. **Leitura**, Maceió, v. 01, n. 55, p. 129-144, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2312>. Acesso em: 08 maio 2019.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de gênero textual**: concepção sociorretórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.